



REFLEXÕES HISTÓRICAS ACERCA DA DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE CAPITALISTA

Roseilda Maria Da Silva¹
Flavia Jaiane Mendes Justino²
Wilson Cesar Schenato³

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir sobre a Divisão Social do Trabalho em dois clássicos, Émile Durkheim e Karl Marx, autores com posicionamentos teóricos opostos, mas de contribuições pertinentes para compreender como a divisão social do trabalho se relaciona com os interesses singulares da classe economicamente favorecida, em detrimento daquela que tem apenas a força de trabalho como forma de sobrevivência. Como metodologia utilizou-se a revisão de literatura buscando entender a relação social dos sujeitos, submetidos à exploração do trabalho, bem como os males ocasionados por uma suposta desarmonia, caso as regras não fossem cumpridas, logo, a solidariedade orgânica colocaria a sociedade moderna em harmonia. Porém, o conflito entre as classes, mostrou que a sociedade está pautada na luta de classes, portanto, há dissonâncias históricas entre os grupos. Os resultados mostraram, nestas vertentes, distanciamentos, pois o modo capitalista é excludente e a sociedade atual está fundada nas contradições de classes.

Palavras-Chave: Sociedade. Divisão social do trabalho. Relação Social.

1 INTRODUÇÃO

Nesta produção, as reflexões sobre a dinâmica do indivíduo na sociedade capitalista serão pertinentes para compreender os efeitos advindos com a divisão social do trabalho. A análise feita por Karl Marx e Émile Durkheim sobre esta problemática embasa a discussão e torna-se indispensável, tanto no entendimento dessa dialética, quanto nas diferenças existentes em suas discussões. Cada qual com suas concepções, ora convergentes, ora divergentes, mas, trazem contribuições significativas na compreensão dos compassos e descompassos que a realidade da sociedade capitalista oferece.

A partir desses dois autores foi possível uma melhor “visualização” de como se dão as contradições na atual sociedade capitalista e fragmentada que colabora para a exploração e precarização do trabalho.

A questão social foi para Durkheim uma preocupação constante, a análise que fez, ao seu tempo, sobre os problemas sociais é de que estes não eram apenas de ordem econômica, estavam relacionados à certa fragilidade da moral que não orientava o comportamento dos indivíduos de forma adequada. Sendo assim, as tentativas de mudanças, através da modificação da propriedade privada e na redistribuição de riquezas, “não contribuiriam para a solução do problema, seria necessário encontrar novas idéias morais capazes de orientar a conduta dos sujeitos em sociedade, e dariam sustentabilidades às relações duradouras entre os homens” (MARTINS, 2006).

Baseando-se nas reflexões de Karl Marx esta questão é compreendida a partir das relações antagônicas existentes entre os homens, cuja visibilidade se apresenta na relação de exploração entre a burguesia, esta enquanto classe dos proprietários, e o proletariado,

¹ rose_ufcg@yahoo.com.br - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

² flavia.jm@hotmail.com – Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

³ vil_son@yahoo.com.br - Instituto Federal da Paraíba (IFPB).



que se apresenta enquanto trabalhador que dispõe da força de trabalho. Fortalecendo essa relação, baseada no antagonismo, estão os interesses particulares desses personagens que são quase inconciliáveis, como nos mostra a história.

O capitalista não quer perder sua posição, quer sempre ser o dono da propriedade, submete quem não a tem vender sua força de trabalho, mesmo que a condição para ser dono dos meios de produção seja ter a força de trabalho apenas seja diferenciada, uma vez que não há uma homogeneidade entre as pessoas que compõe uma ou outra posição nestas classes.

Na sociedade contemporânea capitalista, esta relação é meio *maquiada*, os conflitos parecem amenizados com as imposições do sistema capitalista, quando se compreender enquanto sujeitos autônomos, independentes, como se fossem realmente senhores de seus destinos. De acordo com Paulani (2005) na ordem moderna quase todos os homens são proprietários, mesmo de uma mercadoria que ninguém tenha interesse. Se estiver em condições divergentes com as necessidades dos interessados, um mendigo, por exemplo, tem sua força de trabalho, no entanto não é do interesse daqueles que precisam de uma pessoa qualificada que se enquadre na demanda do mercado.

Essas pessoas não deixam de ser proprietárias, porém encontrar lugar que as absorvam nos remete a outras discussões, não pertinentes neste momento. Mas isso não lhes tira a condição de donas, de uma propriedade que é um tanto desvalorizada, levando-se em consideração os parâmetros exigidos no sistema capitalista, que é a qualificação da mão de obra.

2 É NECESSÁRIO CAUTELA NAS INTERPRETAÇÕES

Na leitura que se faz da obra *O Manifesto do Partido Comunista*⁴, há certa “tendência” a se interpretar algumas das “intenções” de Marx, sobre a compreensão do indivíduo em sua trajetória histórica, com outro sentido, a esse respeito Thompson (2009) chama a atenção para as analogias utilizadas nos escritos de Marx, quando se observa em uma das passagens desta obra:

A história de toda a sociedade até hoje é a história de lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, burguês da corporação e oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante antagonismo entre si, travaram uma luta ininterrupta, umas vezes oculta, aberta outras, uma luta que acabou sempre com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com o declínio comum das classes em luta (MARX; ENGELS, 1987:35).

Neste sentido, essa expressão, antes de significar uma situação de confronto, explícita que pode ocorrer em certas circunstâncias históricas, a existência de contradições numa estrutura classista, o antagonismo de interesses que caracteriza necessariamente uma relação entre classes, devido ao caráter dialético da realidade. “Dado que as classes dominantes sustentam-se na exploração do trabalho daqueles que não são proprietários nem possuidores dos meios de produção, assim como em diversas formas de opressão social, política, intelectual, religiosa, entre outras” (QUINTANEIRO, 2003).

Percebe-se nesta moderna sociedade burguesa, novas “classes” e novas condições de opressão, as quais nem mesmo os explorados às vezes conseguem ter uma visão de que estão se submetendo a essa situação, é o que se pode classificar de processo de alienação, logo, adquirem novas formas de luta diferentes das ocorridas anteriormente na luta de classes. A diferença é que os antagonismos de classes foram simplificados, “mas isso não diminui os interesses cada vez mais opostos, mesmo que não se perceba uma luta



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

direta, em níveis diversos da sociedade e em toda relação social em todos os tempos, desde o surgimento da propriedade privada” (COSTA, 1987). Ainda assim as disputas giram em torno de duas “grandes classes”: a burguesia e o proletariado.

Assim, a divisão social do trabalho, para Karl Marx (1987), seguirá esses compassos e descompassos, e para legitimar o seu poder nesta relação de dominação as classes dominantes se utilizam do aparato do Estado, através das instituições que são criadas e estabelecidas para legitimar essa força por vezes coercitiva.

Marx desejava, em seus escritos deixava transparente, que houvesse uma transformação na ação social e que a classe proletária se posicionasse e ocupasse seu lugar na sociedade e este lugar não seria de explorados, mas de conscientes, para que a mudança ocorresse.

Essa posição seria concretizada quando a divisão social do trabalho fosse modificada e a propriedade privada dos meios de produção, os quais são pertencentes aos que detém a posse do capital, inexistisse, pois é justamente essa posse, decorrente dessa posse privada dos meios de produção, que leva os proletariados a tal condição e também a exploração.

Ao contrário de Marx, Max Weber (2009) não via o capitalismo como um sistema injusto, ou irracional, para ele as instituições produzidas pelo capitalismo, como a grande empresa, por exemplo, constituíam demonstração de uma organização racional e desenvolvia suas atividades com eficiência e precisão, sendo o capitalismo, em sua concepção, uma expressão de modernidade e uma forma de racionalização do homem ocidental.

Max Weber (2009) compreendia as classes enquanto dependentes de três fatores na sociedade: *poder, riqueza e prestígio*, ele também considerava a sociedade como sendo composta por várias camadas e que havia outros fatores importantes além dos materiais. Em seu livro *Economia e sociedade*, o autor diz que o Estado, assim como as associações políticas historicamente precedentes, é uma relação de dominação de homens sobre homens, apoiada no meio da coação legítima.

E na sociedade o indivíduo tem um papel importante, pois as partes que a compõem têm relação direta com o mesmo e seguem as formas de ação social descritas por Weber, que seria: a ação social racional orientada, racional orientada a valores, afetiva e tradicional e isso faria com que a sociedade fosse como um todo.

Diferentemente do que alguns teóricos marxistas pensam, quando afirmam que Marx teria dito que *a luta de classe é o motor da história*, Thompson (2009) diz que não consegue encontrar a proposição em nenhum lugar em Marx e afirma o seguinte:

Se Marx tivesse dito (e creio que não disse) que a “luta de classes é o motor da história”, não teria querido dizer que a luta de classes se havia, de alguma, transmutado numa locomotiva a vapor a puxar os vagões da história. A afirmação é de ordem do “como se”: podemos conceber a história da sociedade como se fosse puxada pela energia (motor, máquina) da luta de classes. As analogias podem se boas ou más, mas o que eu estou pretendendo mostrar é que elas errem para efeitos de explicação ou ilustração (THOMPSON, 2009:145).

Para Thompson a luta de classes é um conceito anterior ao de classe, a classe não antecede, mas surge da luta, a coincidência é apenas aparente, mas essa é uma questão bastante conflituosa entre diversos teóricos, a exemplo dos historiadores marxistas, que dizem que homens e mulheres em suas relações produtivas identificam os seus interesses antagônicos e passam assim, a lutar e pensar enquanto classe.

A filosofia alemã da época de Marx encontrava em Hegel uma de suas mais expressivas figuras, e em seu sistema filosófico a dialética ocupava uma posição de



destaque, uma vez que o método de análise de Hegel sugeria que tudo o que existia, devido ao seu caráter antagônico, tendia a extinguir-se. Mas, Marx fez suas críticas ao caráter idealista à dialética hegeliana.

Marx e Engels (1987) compreendendo esse posicionamento no pensamento de Hegel recorreram ao materialismo filosófico de seu tempo, e mesmo assim achavam que esse materialismo estava em descompasso com o progresso das ciências naturais, e os fenômenos da realidade. Conforme Martins (2006) para eles as sociedades humanas viviam uma permanente transformação.

Ao longo da história do homem a vida social foi marcada por agrupamentos, mesmo que inseridos em grupos diferenciados, sejam eles família, tribo, entre outras formas de organização.

Assim, Marx não via na crescente divisão do trabalho uma fonte de solidariedade entre os homens, como acreditava Durkheim. Marx compreendia que era justamente a solidariedade entre os homens, em sua relação de trabalho, que a exploração, o antagonismo e a alienação, traços marcantes na relação proletários e burguesia, eram reforçados.

Visto que os trabalhadores não dominando os meios de produção, teriam apenas a sua força de trabalho, e dessa forma estavam submetidos a uma dominação econômica, cultural e política, uma vez que o Estado se apresenta enquanto um meio, com seus aparelhos repressivos, tais como a polícia o exército, entre outros meios pelos quais a burguesia impõe seus interesses particulares.

Como se pode perceber:

As condições de vida da sociedade velha já estão destruídas nas condições de vida do proletariado. O proletariado não é proprietário; a sua relação com a mulher e os filhos já nada tem de comum com a relação familiar burguesa; o trabalho industrial moderno, a subjugação moderna ao capital (...) tirou-lhe todo o caráter nacional. As leis, a moral, a religião são para ele outros tantos preceitos burgueses, atrás dos quais se acoitam outros tantos interesses burgueses (MARX, ENGELS, 1987:43).

Fica claro portanto, que as instituições também fortalecem a burguesia através da imposição de seus interesses e os valores sociais são aspectos, cuja explicação depende também do estudo do modo de produção, já que a história do homem, de acordo com Marx (1987), é marcada por contradições as quais acabam se chocando com o desenvolvimento das forças produtivas e se acirram até provocar um processo revolucionário com um desmoronamento de um modo de produção vigente e a ascensão de outro.

Marx queria antes das injustiças, das desigualdades, das opressões e das explorações uma ética humanista para todos os homens que conclamavam esses preceitos, ele conseguiu estabelecer relações entre a realidade, a filosofia e a ciência e entendia que, cada sociedade, em seus vários aspectos, sejam relacionados a família, a religião, constituía uma totalidade.

O caminho prático através da ação política seria um objetivo a alcançar por ela, este seria o caminho indicado por Marx, ao invés de propor soluções para uma sociedade percebida enquanto “doente” e portanto que necessita de cura.

3 DIVISÃO DO TRABALHO: EXPLORAÇÃO OU HARMONIA?

Um passeio pelo pensamento de Émile Durkheim será prazeroso para a compreensão de como este teórico da sociologia compreendia a divisão social do trabalho e as implicações na sociedade moderna. Durkheim (2004) comparava a sociedade a um organismo vivo, seus membros devem estar em perfeita harmonia, se um adoecer os demais também ficarão comprometidos, sua preocupação se voltava para a questão da ordem



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

social. Para este autor uma sociedade deveria funcionar de forma harmônica, baseada na coesão, em seu livro *Da Divisão do Trabalho Social*, analisou as funções sociais do trabalho na sociedade e a classificou em dois tipos de solidariedades existentes, a *orgânica* e a *mecânica*.

A mecânica seria a da fase primitiva, ainda não havia tanta divisão do trabalho, sociedade simples, e todas as pessoas realizavam as tarefas necessárias, logo, a dependência de um indivíduo com relação ao outro é menor. Os indivíduos compõem as mesmas representações coletivas, as mesmas finalidades, comungando dos mesmos valores. O trabalho necessário, para atender suas necessidades, encontra-se diferenciado apenas entre os sexos. Mas, ao longo do tempo essa solidariedade se transforma.

Com a divisão social do trabalho temos o que Durkheim conceituou de solidariedade orgânica, seu aparecimento deve-se a diversificação da sociedade e os laços de dependência nesta seria de quanto maior a divisão do trabalho maior também seria a dependência. Isso é uma característica de uma sociedade moderna, cuja divisão social do trabalho é bastante definida, assim, a solidariedade orgânica implica maior autonomia, e a consciência individual mais livre.

A compreensão de Durkheim sobre o indivíduo na sociedade é de que as regras impostas à esta existem antes dos indivíduos, e se é assim, a consciência individual é formada socialmente, logo, a divisão do trabalho traria a dependência um dos outros, uns necessitariam que outros desenvolvesse determinadas atividades para que estes pudessem fazer outras, isso evitaria o que Durkheim chama de *anomia*.⁵ Levando em consideração o tempo histórico em que analisou, um período marcado por diversas transformações sociais, na família, no trabalho, dentre outros, é compreensível sua visão otimista da nascente sociedade industrial moderna.

Considerava que a crescente divisão do trabalho, que estava ocorrendo a todo vapor na sociedade europeia, acarretaria não em conflitos sociais, mas num sensível aumento da solidariedade entre os homens. Se cada membro da sociedade tivesse uma atividade profissional mais especializada, passaria a depender cada vez mais do outro. Conforme Martins (2006) Julgava, assim, que o efeito mais importante da divisão de trabalho não seria o seu aspecto econômico, ou seja, o aumento da produtividade, mas sim que se tornaria possível a união e a solidariedade entre os homens.

Como demonstrado, na visão de Durkheim a divisão do trabalho causaria uma espécie de *cooperação* e assim a solidariedade entre os homens ocorreria, evitando o caos ou a anomia, como o mesmo denominava, uma vez que se não fossem as regras a sociedade ficaria socialmente doente.

Durkheim (2007) analisou em seu livro *O suicídio* que as constantes mortes provocadas pelos próprios indivíduos, principalmente na sociedade industrial, seria uma demonstração de que a sociedade encontrava-se incapaz de controlar seus comportamentos.

Assim, percebe-se o quanto a coesão, ou seja, a “união” entre os indivíduos na sociedade poderia evitar o seu adoecimento. E como ao nascerem os indivíduos já encontravam a sociedade pronta, com suas regras e tradições as quais são apenas transmitidas através do processo educativo, a sociedade exercia influência sobre o mesmo, muitas vezes de forma coercitiva. Com isso Durkheim assinala o caráter impositivo dos fatos sociais, e os indivíduos se comportariam de acordo com as regras impostas.

Vale salientar que Durkheim fazia parte da sociologia positivista a qual se preocupava com a manutenção da ordem existente, voltando sua atenção para a

⁵ Ausência generalizada de respeito a normas sociais, devido a contradições ou divergências entre estas.



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

estabilidade social e a crença no cientificismo. Desta forma, a sociedade era para ele um conjunto de normas de ação e sentimentos que não existem apenas na consciência dos indivíduos, mas são construídos exteriormente, fora da consciência individual.

Neste sentido, se o homem se depara com certas regras que não foram diretamente criadas por ele, mas existem independentemente de suas vontades e a sociedade se fortalece com estas, os indivíduos precisam aprender a obedecê-las. As leis são um bom exemplo disso, são repassadas de geração a geração e cabe ao indivíduo aceitar sob pena de ser castigado.

Essa coesão esta presente na divisão do trabalho, Durkheim (2007) parte do pressuposto de que a divisão leva a necessidade de um indivíduo sobre o outro e isso levaria a solidariedade, já comentada anteriormente, uma vez que o trabalho de um, objetiva alcançar meios diferentes, enquanto mais se aproximam mais combate há entre os indivíduos. Se o trabalho se divide à medida que as sociedades se tornam mais volumosas e densas, não é porque as circunstâncias exteriores sejam mais variadas, é porque a luta pela vida é torna-se mais ardente. Na passagem que segue Durkheim demonstrou claramente isto quando disse:

Numa cidade, podem coexistir diferentes profissões sem se prejudicarem mutuamente, porque elas prosseguem objectivos diferentes. O soldado procura a gloria militar, o sacerdote aumento moral, o homem de estado o poder, o industrial a riqueza, o cientista o renome científico; a cada um deles pode assim atingir e seu fim sem impedir os outros de atingirem os seus. Tudo se passa do mesmo modo porque as funções estão menos afastadas umas das outras. O médico oculista, não faz concorrência ao que trata as doenças mentais, nem o sapateiro ao chapeleiro (...) como prestam serviços diferentes podem prestá-los paralelamente (DURKHEIM, 1984:48).

Para Durkheim se não houver solidariedade numa sociedade não tem como ela existir e funcionar harmonicamente, as condições impostas pela sociedade moderna pode até trazer respaldos positivos, a exemplo da própria solidariedade por meio da dependência de serviços, evitando a anomia.⁶ Assim como outros fenômenos, a divisão do trabalho é um fenômeno social.

Este autor não desconsiderava a individualidade, mas deu ênfase ao social, e a sociedade era para ele uma coletividade. Durkheim compreende a sociedade, como uma coletividade que organiza, condiciona e controla as ações individuais, diferentemente de weber, não da ênfase a ação individual. A lógica de Durkheim é de que a consciência coletiva não se baseia na consciência dos indivíduos singulares ou de grupos específicos, mas está espalhada por toda a sociedade, nas instituições, ela revelaria o “tipo psíquico da sociedade”, que não seria apenas o produto das consciências individuais, mas algo diferente, que se imporia e perduraria através das gerações (COSTA, 1987).

A tensão permanente entre massas e elites que caracteriza a sociedade moderna e os contínuos conflitos de interesse entre parcelas diferenciadas da própria burguesia leva os intelectuais, que se caracterizam pela busca da intervenção social e pela procura da mudança política, social ou cultural, possam, em muitas circunstâncias, caminhar para a elaboração ou adesão às propostas radicais de transformação social, seja de direita, seja de esquerda (ALBUQUERQUE, 2005).

Como se pode perceber, os interesses e tensões que caracterizam a sociedade moderna capitalista, entre os grupos diversos e mesmo aqueles que compartilham dos mesmos interesses e nem por isso são homogêneos, buscam a mudança social em vários aspectos, sejam eles políticos, culturais ou políticos.

⁶ O suicídio seria, para Durkheim, uma prova de anomia na sociedade.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi realizada uma análise crítico reflexiva para compreender, a partir a teoria de Émile Durkheim e Karl Marx, a divisão social do trabalho, em que medida convergia e, ou, divergiam as compreensões dos respectivos autores. Esta discussão amplia o debate no âmbito do Serviço Social e possibilita a compreensão das contradições existentes entre as classes separadas por interesses antagônicos de uma sociedade capitalista.

Enquanto que Durkheim percebia na divisão social do trabalho, principalmente na sociedade moderna, uma forma de evitar a anomia e, portanto, certa solidariedade entre os homens. Marx fez uma leitura inversa. Enxergava como um meio pelo qual se dava a relação de exploração, antagonismos e contradições, cujas relações sociais estão pautadas em interesses diversos.

Diante da amplitude de idéias, voltadas à sociedade por esses dois teóricos, cada um com suas justificativas, é possível inferir que dentro de seus argumentos, considerando-se suas convicções bem como a época estudada por eles, não se tem uma visão certa ou errada, mas se tem outras análises sobre a sociedade atual que aproxima ou supera tais pressupostos.

Fica aqui um ensaio de uma análise sobre a divisão social do trabalho na ótica desses dois autores, merecedora de uma ampla reflexão na sociedade capitalista vigente. Não se tem a pretensão de responder “fielmente” como os autores pensavam, visto que é apenas uma versão, interpretada a partir de um diálogo com estes teóricos, outros pesquisadores podem apresentar outras versões.

É pertinente destacar que a sociedade capitalista esta fundada na contradição das lutas de classes e estas, em toda a história tiveram interesses antagônicos, logo na atual conjuntura de uma sociedade baseada num sistema capitalista excludente, a solidariedade não teria a mesma função que teve para a sociedade classificada por Durkheim, o individualismo e a corrida pelo acúmulo geram mais conflitos entre as classes e mais antagonismos que distanciam o trabalhador com sua força de trabalho da burguesia com os seus meios de produção.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Júnior: **De amadores à desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no ocidente contemporâneo**. In. Trajetos. Revista de História da UFC. Fortaleza, vol. 3, nº 6, 2005.

COSTA, Maria Cristina Castilho. Sociologia: **Introdução a Ciência da Sociedade**. São Paulo, Editora Moderna, 1987.

DURKHEIM, Émile, **O Suicídio**, Lisboa, Presença, 2007.

_____. **Da divisão do trabalho social**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

THOMPSON E. P. **Miséria da Teoria: ou um planetário de erros**, 2009.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**, São Paulo, Brasiliense, 2006.

MARX Karl & ENGELS Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**, Progresso, 1987.

PAULINI, Leda Maria, **A (anti) filosofia de Karl Marx**, ano 3 - nº 41 - 2005 - 1679-0316 cadernos IHU idéias.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Gardênia Monteiro de. **Um Toque de Clássico Marx, Durkheim e Weber**. Belo Horizonte, UFMG, 2003.



**SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL,
TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC - 27 a 29 de Outubro de 2015

WEBER, Max, **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**,
Brasília, Universidade de Brasília, 2009.